
CONTAÇÃO OU LEITURA: DOIS MOMENTOS MÁGICOS DA LITERATURA INFANTIL

ANDRADE, Paola B. Aguiar¹
COSTA, Sueli Silva Gorricho²

Recebido em: 2015.01.28

Aprovado em: 2015.05.14

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.1433

RESUMO: O trabalho discorre sobre dois momentos de leitura apresentados para crianças do 1º estágio da Educação Infantil. Para tanto se apresenta um projeto já realizado de um Contador de Histórias e também um projeto de Leitura para subsidiar a pesquisa. O objetivo dessa pesquisa é levar as crianças a desenvolverem o gosto pela leitura e ajudá-las no seu crescimento criativo e cognitivo por meio da participação dos pais e da professora regente nas questões de leitura, contação de histórias e declamação de poesias. Os procedimentos metodológicos se dão pela pesquisa bibliográfica e pelo estudo de caso, observando o seu desenvolvimento e resultados. Tudo isso mostra que o professor deve fazer uso da Literatura Infantil, de forma variada, em sala de aula ou não, pois a história contada, lida, desenhada, dramatizada, estimula a imaginação das crianças, fazendo-as pensar, indagar, tornando-as leitoras críticas e autônomas.

Palavras-chave: Histórias. Poesias. Criança. Ensino-aprendizagem.

SUMMARY: The work discusses two moments of reading presented to children of the 1st stage of early childhood education. To do so presents itself a project already performed a storyteller and also a reading project for subsidizing the research. The goal of this research is taking the kids to develop a taste for reading and helping them in their creative and cognitive growth through participation of the parents and the teacher read issues, Regent storytelling and recitation of poetry. The methodological procedures give themselves by bibliographical research and case study, noting its development and results. All this shows that the teacher should make use of children's literature, so varied, in the classroom or not, because the story told, read, drawn, dramatized, stimulates the imagination of children, making them think, inquire, making them critical readers and self-contained.

Keywords: Stories. Poetry. Child. Teaching and learning.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda dois projetos para subsidiar a pesquisa: a contação de histórias e um projeto de leitura literária, apresentando as competências de um contador de histórias do interior do estado de São Paulo e a dinâmica de uma professora em sala de aula.

O ato de contar histórias para as crianças deixa de ser um momento qualquer de leitura, e para a maioria delas, torna-se um momento de diversão, descontração e ludicidade e, para quem as contam, acaba sendo um momento de brincar com as palavras, pois não há letras, palavras e frases formadas para seguir à regra, na qual o improviso pode acontecer mais livremente.

Trabalhar com a literatura infantil, tendo na contação de histórias ou nas atividades lúdicas a base para desenvolver esse trabalho, como um dos métodos de criar a expectativa de leitura na criança, pois mesmo quando ela ainda não sabe ler, pelas ilustrações ou contação, ela faz sua leitura, desenvolvendo sua zona criativa e o cognitivo, e como consequência, abrindo caminho para novos conhecimentos, curiosidades e críticas.

Assim, o objetivo dessa pesquisa é observar como essas duas maneiras de fomentar na criança a curiosidade pela leitura: narrando histórias e um projeto de incentivo à leitura na educação infantil, podem levá-las ao desenvolvimento cognitivo.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava

² Profª Me da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava, nos cursos de Letras e Pedagogia.

O interesse nessa pesquisa justifica-se pela importância da atuação do profissional, enquanto contador de histórias na educação infantil, já que é uma fase em que a criança está em total contato com o criativo, o imaginário, o lúdico, e é uma maneira diferente dela ouvir uma história, como também, pelo prazer que a literatura infantil desperta na criança, conduzindo-as à curiosidade, à busca pela leitura do livro, da poesia; independente da forma com que ela se apresenta.

A metodologia se faz por meio de uma pesquisa bibliográfica com a leitura e interpretação de textos críticos, sobre a leitura e contação de histórias, como também um estudo de caso pela observação da prática, do desenvolvimento e dos resultados.

1 O ENCANTAMENTO DA LITERATURA INFANTIL

Há muito tempo a criança foi considerada um adulto em miniatura, tendo as mesmas obrigações de trabalho, diferenciando-se apenas no tamanho e na redução de aspectos quantitativos.

Nesse período, a literatura se destinava aos adultos, não tendo nenhuma importância para a vida da criança, até porque as leituras não eram apropriadas para elas, contendo temas como sangue, violência, sexo, gravidez, entre outros. Mas com o surgimento do sentimento de infância na criança, as primeiras literaturas destinadas a elas foram readaptações, passando de conflitos não exemplares a experiências da fantasia e do maravilhoso. Todos os clássicos da literatura infantil tiveram sua origem do meio popular, da oralidade, de histórias que eram contadas pelo povo e para o povo. A intenção era transmitir valores e padrões a serem ensinados, respeitados e incorporados pelo comportamento infantil. E este artifício não é apenas dos clássicos antigos, mas também dos atuais, pois um bom livro, sendo infantil ou não, deve agir como agente de formação e transformação para seu leitor. (COELHO, 1991).

Essa etapa da infância é a que constitui a fase de construção e formação do conhecimento, com efeitos específicos e complexos. E nesta fase, que as potencialidades das crianças devem ser cultivadas, cautelosamente, com seriedade e afeto. “As estórias são para a criança o que foram as parábolas de Cristo para os cristãos, para os homens: sementes para germinar e frutificar.” (CARVALHO, s.d, p.10).

A literatura infantil era considerada pelo adulto, até pouco tempo atrás, como algo fútil, nivelada ao brinquedo, mas ao mesmo tempo, útil à aprendizagem ou recurso para manter a criança quieta e entretida.

A descoberta da literatura infantil como fonte de aprendizado se deu graças à psicologia experimental, no século passado, revelando:

[...] a inteligência como o elemento estruturador que cada indivíduo constrói dentro de si, chama a atenção para os diferentes estágios de seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. (COELHO, 1991, p. 26).

Vê-se então, que a literatura infantil é recente quanto a elemento relevante e de vasta aquisição na formação do cognitivo infantil, bem como em sua vida cultural na sociedade.

Ao contar uma história infantil, entende-se como uma mensagem entre o autor- adulto; aquele que possui a experiência do real; e o leitor-criança; aquele que deve adquirir a experiência. Desse modo, a ação de ler e ouvir a história, pelo qual se contempla o prodígio literário, se torna um momento de aprendizagem.

A literatura infantil é uma comunicação histórica (= localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor-adulto (= emissor) e um destinatário-criança (= receptor) que, por definição, ao longo do período considerado, não dispõe senão de modo parcial

da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas e outras que caracterizam a idade adulta [...]. Ela pode não querer ensinar, mas se dirige, apesar de tudo, a uma idade que é a da aprendizagem e mais especialmente da aprendizagem linguística. O livro em questão, por mais simplificado e “gratuito” que seja, aparece sempre ao jovem leitor como uma mensagem codificada que ele deve decodificar se quiser atingir o prazer (afetivo, estético ou outro) que se deixa entre- ver e assimilar ao mesmo tempo as informações concernentes ao real que estão contidas na obra. [...] Se a infância é um período de aprendizagem, [...] toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica [...]. (SORIANO, 1975 *apud* COELHO 1991, p. 27).

A presença de um adulto na orientação de um livro para as crianças, num primeiro momento, é fundamental, para que ela aprofunda-se nas descobertas do concreto e do mundo da linguagem, através do lúdico.

Na literatura infantil, deve haver predomínio absoluto de gravuras e desenhos, juntamente com textos mais breves, sendo que tais ilustrações devem sugerir as situações contidas na escrita do livro, para que a criança saiba relacionar o que está vendo com o aquilo que o adulto ou ela lê. Muitas vezes, com a diversidade de livros, a criança aprende a ler nas gravuras o que está sugerindo o texto. É importante também, a graça, o humor e climax de expectativa e mistério, despertando a curiosidade pela continuação da história. O método de repetição ou reiteração dos elementos do texto é uma das mais adeptas para sustentar a atenção e interesse da criança na leitura.

A leitura de histórias é uma atividade doméstica, ou seja, não deve apenas limitar-se aos professores nas escolas, e sim deve ser uma tarefa dos pais desenvolver em casa o hábito da leitura, instigando assim, a curiosidade de seus filhos. Para isso, os pais devem ter conhecimentos de literaturas apropriadas, sendo que, uma leitura boa para a criança é aquela que é boa para o adulto. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Os pais, ao contarem aos filhos histórias de contos de fadas, podem encorajá-los a sentir, para si, experiências fantásticas quanto a seu futuro. Desse modo, os pais não os iludem sugerindo que na fantasia há fatos reais, pois eles não se devem prometer aos filhos que a aventura da vida é perfeita na realidade.

Mas a criança entende muito bem o que acontece nos contos, e cabe aos pais e professores ensiná-las a refletir no seu cotidiano, pois, na literatura, quando o bem vence o mal e todos vivem felizes para sempre, ela deve perceber que para chegar no felizes para sempre, é necessário lutar por aquilo que se quer alcançar.

Há os que condenam os contos de fadas para as crianças, por pensarem que elas devem ouvir as fantasias reais do social que elas habitam. Porém, não há justificativa de estimular a fantasia que advém de inocência e beleza, uma vez que os contos de fadas, apesar de algumas malvadezas implícitas, só podem encantar e enriquecer o espírito da criança.

Não se pode na literatura infantil dividir em temas bons ou ruins, atuais ou remotos; uma vez que a obra é boa, uma expressão artística, harmônica e iluminada: o sublime, que define a obra de arte, concretiza sua plenitude.

Tirar da criança o encantamento da fantasia pela arte, particularmente a arte do desenho, da forma, das cores e a literatura (que representa todas), é sufocar e suprimir toda a riqueza de seu mundo interior. O problema está em saber escolher o que se oferece a essas criaturinhas. E então sentimos a grande e imprescindível necessidade de conhecer a literatura que se identifica com a criança e desperta sua curiosidade estética, sua vida artística. (CARVALHO, s.d., p.11).

Apesar da força total que a informática possui nos tempos de hoje, percebe-se que a literatura, em especial a infantil, possui a tarefa fundamental de servir como agente de formação, seja espontaneamente

no contato leitor/livro ou no diálogo leitor/texto. É ao texto que se atribui a responsabilidade de passar às crianças a consciência de mundo. E é fato que a literatura é a mais eficaz e rica forma de ler o mundo e compreendê-lo.

É necessário utilizar a literatura infantil como uma façanha espiritual que seduza o eu em uma experiência rica de vida, inteligência e emoções, e muito menos, como simples passatempo, pois deste artifício, se delegam com mais prontidão os meios de comunicação de massa.

1.1 A literatura infantil na escola

A escola é um dos espaços mais específicos para a construção da formação do indivíduo, privilegiando os estudos literários, já que eles incitam o exercício da mente, as múltiplas significações da realidade, a leitura de mundo em diversas condições e, sobretudo, elevando o estudo e conhecimento da língua.

O espaço-escola se refere ao modelo libertário e orientador, permitindo que as crianças em processo de formação alcancem seu autoconhecimento, para terem acesso ao mundo da cultura, que caracteriza a sociedade em que ela pertence.

O professor para trabalhar a literatura infantil como fonte de formação das crianças precisa estar em harmonia e bem orientado nas três dimensões principais: a literatura como leitor atento; a realidade social em que as crianças vivem; e a docência como profissional competente. (COELHO, 1991)

Com a escrita específica da literatura para crianças no século XVII, foram surgindo vários problemas e polêmicas quanto à sua forma ideal, e uma delas foi: A literatura infantil pertence à arte literária ou à área da pedagogia? Ela é didática ou lúdica? Serve para instruir ou divertir? Hoje, podemos dizer que a literatura pode ser tanto para divertir, dar prazer, emocionar..., quanto para ensinar formas variadas de ver o mundo, de viver, agir, pensar, reagir, criar... E cabe ao professor saber separá-las e usá-las quando couber em cada ocasião. (COELHO, 1991)

É importante saber que quando se trata de educação infantil, nenhuma das duas áreas possui maior relevância sobre a outra, pois a criança necessita trabalhar o lúdico e o didático, para nutrir seu lado cognitivo e afetivo.

Instruir com a literatura infantil, deve considerar-se tanto os clássicos, como a literatura contemporânea, que tem como objetivo estimular o conhecimento e a criatividade, para que a criança descubra novos valores. “E aqui entra o trabalho didático dos professores, fazendo o papel dos médicos nos partos [...]” (COELHO, 1991, p.45).

Há também os livros que possuem apenas ilustrações, sem texto algum, sendo uma narrativa apenas visual, a qual é contada através de fotos e desenhos, é uma forma também útil, pois a criança trabalha o seu processo de criação.

Furnari (1986 *apud* ABRAMOVICH, 1994), é uma autora que usa ricamente este gênero, com desenhos divertidos, coloridos e em preto e branco, com figuras em movimento constante e personagens de feições expressivas. Suas histórias envolvem palhaços desastrados, velhinhas mágicas e travessas, a mistura de bichinhos domésticos com animais selvagens, dentre outras.

Outros autores também trabalham com esse jeito de fazer livros infantis, como: Ângela Lago, que se mobiliza no mundo do sonho; Juarez Machado, um dos pioneiros deste gênero com desenhos grandes e coloridos; Edith Derdyk, com histórias em preto e branco, misturando imagens minúsculas e enormes, pedindo que se faça recortes para refazer e modificar as páginas; entre outras. (ABRAMOVICH, 1994).

Desse modo, para a criança “O mundo pode ser revisto, os objetos transformados, as pessoas

modificadas pela página que está do lado, que a cada momento pode ser outra, formando quantas situações se queiram [...]” (ABRAMOVICH, 1994, p. 29).

Ao se trabalhar com a literatura infantil em sala de aula, cada criança terá um olhar sobre os personagens, cenas; cada uma fará um julgamento, criando a sua história a partir daquilo que mais lhe chamar atenção nas ilustrações. Assim, ela poderá usar a sua imaginação e criatividade criando músicas para o contexto, efeitos sonoros e onomatopeias. “E é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão. Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais [...]” (ABRAMOVICH, 1994, p. 33).

1.1.1 Era uma vez um contador de histórias

Vários projetos são desenvolvidos nas escolas da região para fortalecerem a prática da contação de histórias. Dentre eles os que mais se destacaram e envolveram os alunos foram o “Era uma vez” e o “Projeto de incentivo à leitura”.

1.1.1.1 Era uma vez

O projeto “Era uma vez”, desenvolvido por um professor, especialista em “Contação de Histórias”, atuou durante quatro anos nas Escolas da Rede Municipal, de uma cidade do interior de São Paulo, com a participação da Secretaria da Educação do Município.

O projeto funcionava nos períodos manhã e tarde, de segunda a sexta-feira, em quatro escolas municipais de ensino infantil. A contação das histórias acontecia dentro de um ônibus, que em seu exterior tinha escrito “Era uma vez”, ilustrado com vários personagens de histórias infantis. No interior a decoração era totalmente lúdica e personalizada para receber as crianças, contendo uma biblioteca com vários livros, cortinas, coberto por um carpete com almofadas, televisão, DVD, rádio e ar condicionado.

O ônibus conta com um motorista para sua locomoção de uma escola a outra, e uma assistente para auxiliar o contador no que precisasse. Ele estaciona na porta das escolas para os alunos entrarem. A história sempre começava quando o contador colocava uma capa, de diversas cores, e a partir deste momento ele era o contador de histórias.

Eram escolhidas duas histórias por semana, e lançando mão disso, os livros e os objetos utilizados na contação, eram levados dentro de uma mala, deixando as crianças manusearem todos livremente no final do conto. O projeto na sala tinha duração de 45 a 50 minutos, sendo de 10 a 15 minutos para a narração da história, e depois aberta a discussões, comentários, perguntas e interação das crianças com o contador de histórias e os recursos.

Moraes (2012, p. 50), afirma que na escolha de uma história deve ser levada em conta a afinidade do contador para com ela e também a faixa etária das crianças que serão sua plateia, pois contar histórias é um constante diálogo entre o contador e seus espectadores. A interação com músicas, mudança de ritmos e entonações podem ajudar a manter um tempo maior de atenção das crianças, principalmente das que frequentam o maternal.

O narrador deve desenvolver com a plateia um “DIÁLOGO TÔNICO”, que nada mais é do que a sua “IMAGEM CORPORAL” reproduzida por meio de sons produzidos pelo seu corpo durante a narrativa ou pelo seu aparelho fonador, pois a voz é a maior aliada do contador (CAVALLARI, 2010 *apud* TIERNO, 2010, p. 31).

Muitas histórias contadas são retiradas do livro “Volta ao mundo em 52 histórias”, do autor Neil

Philip, especialista em mito e folclore na literatura infantil. Esta obra conta com 52 narrativas de 33 países dos cinco continentes, envolvendo desde os clássicos até histórias jamaicanas que se restringiram em seu território. Todas elas se complementam com informações análogas sobre sua origem, seu tema e suas alegorias, sobre localidades e personagens arrolados com os protagonistas, sobre o país e a época em que teriam se desenvolvido, etc.

O Contador de histórias usava várias técnicas na preparação de suas histórias, pois a falta de preparo reflete no seu desempenho e em sua plateia, que capta seu despreparo. A memorização da história sempre foi feita previamente, e ao mesmo tempo, pensando nos objetos que poderiam compor aquela história, já os separando para serem utilizados na hora da narração. No momento em que a história era contada, o contador não utilizava o livro, porém ele era levado para que as crianças o folheassem no final. (CAVALLARI, 2010 *apud* TIERNO, 2010).

Para facilitar a preparação e memorização da história, Moraes (2012, p. 76) sugere que se relacione em um roteiro uma sequência de palavras-chave, assim, será feito um registro rápido, que de início parece ser difícil, mas com a prática contínua, a facilidade vai se estendendo.

O recurso audiovisual, com DVDs e sons, era bastante utilizado, em praticamente, todas as narrações, pois em várias histórias haviam “musiquinhas” e efeitos sonoros que, para complementar o conto, sempre se caracterizava do personagem, vestindo roupas, máscaras e objetos que se adequavam a constituição dele.

Como por exemplo, na história da Dona Baratinha, que tinha a música: “Quem quer casar com a dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?”; que para caracterização do personagem, vestia-se de barata, com uma máscara, fita no cabelo e carregava uma caixinha com moedinhas. Os efeitos sonoros nesta história iam surgindo com os bichos, fazendo, assim, barulhos como o do porco, do papagaio... Emendando com outros itens relacionados à barata, como a outra música conhecida popularmente: “a barata diz que tem sete saias de filó...”; fazendo perguntas no meio: “quantas patas tem a barata?”, uns respondiam: “oito”, “não, oito patas tem a aranha”; e já começava “A dona Aranha subiu pela parede...”.

Desse modo, o Contador, além de contar histórias, ensinava brincando, e de uma música ia à outra, sempre se remetendo ao tema da história contada.

Vários recursos eram usados como a entonação e a gesticulação no momento da história, com risadas, gritos, imitações dos personagens em voz, trejeitos, andar, entre outros.

Cavallari (2010 *apud* TIERNO, 2010, p. 31), acredita que contador deve conhecer seu corpo para estabelecer uma imagem adequada para representar em suas contações de histórias. A tonicidade no contador, quanto mais sensível melhor, pois a combinação da desenvoltura de seu tônus e imagem corporal, reflete em uma performance que se tornará muito mais atraente.

Cada sala, da escola participante do projeto, possuía uma cartolina com todas as histórias que eram contadas a cada semana, e sempre que retornava na semana seguinte, o contador perguntava às crianças se elas se lembravam da última história, e assim, comentavam o que recordavam, antes que se começasse a nova história.

No final de cada história tinha uma devolutiva, onde os alunos podiam contar o que quisessem, comentar a história, tirar dúvidas, etc. Uma das exigências durante a contação é não interromper durante a história, as perguntas devem ser feitas no final.

Esse projeto “Era uma vez”, hoje é desenvolvido por outro contador de histórias, porém fora do ônibus, acontecendo somente dentro das escolas.

A essência da contação de histórias, para Matias (2010 *apud* TIERNO, 2010, p. 80), “está na

escuta com a palavra, com a narrativa” e, de acordo com Benjamin (1994 *apud* TIERNO, 2010, p. 77), “por consequência, vincula-se também à valorização da transmissão da experiência, da memória e do compartilhamento de conhecimentos e vivências”.

Projeto como “Era uma vez” é muito importante e deve existir cada vez mais, pois é preciso fomentar nas crianças o incentivo à prática da leitura desde cedo, para se tornar um país de alunos alfabetizados, letrados e leitores.

1.1.1.2 Leitura na escola

Outro projeto, na região, que contribui muito para o incentivo à leitura é desenvolvido em uma escola particular de ensino infantil, desde o maternal I até o segundo estágio. Este projeto conta com o apoio e interação dos pais.

Cada sala utiliza o projeto de uma maneira: algumas fazem uma roda com certo número de livros pré-estabelecidos, outras levam os alunos à biblioteca e os deixam escolher livremente, outras apenas preparam atividades relacionadas com histórias e poemas, e algumas mesclam as duas últimas citadas. Porém, os objetivos gerais são os mesmos: disponibilizar o contato do aluno com a literatura infantil e incentivá-lo a curiosidade pelo hábito da leitura.

1.2 Projeto de leitura literária

Esse projeto de leitura foi trabalhado na escola no ano de 2013 e usado nesta pesquisa como subsídio. Para a sua realização ele foi dividido em três partes: a primeira constitui na escolha e leitura de textos de histórias, fábulas, poemas, seguidos de complemento para registros, e também atividades para livros escolhidos pelos alunos na biblioteca da escola, sendo estas atividades variadas entre uma semana e outra.

Abramovich (1994, p. 162), fala da importância do contato da criança com a biblioteca, lugar com silêncio repousante, de grandes descobertas, de encantamento, ludicidade, prazeres do novo, de amplas possibilidades, e de livros bem diferentes dos que encontrados em casa (quando encontrados). Esse é um modo de aproximar a criança à literatura de forma prazerosa, sem que ela pense que ler é algo chato ou entediante. Esta é também uma forma de estimular na criança a vontade de formar sua própria biblioteca em casa, não com mil exemplares, mas como um cantinho onde a criança guarde seus livros e saiba escolher aqueles que quer ter e guardar.

A segunda parte, conta com a participação das mães e de convidados para um momento de contação das histórias, uma vez por semana, na sala de aula, sendo que após são realizadas atividades sobre as mesmas.

Para esse momento de contação são usadas várias técnicas: cada contador utiliza um recurso: há mães que contam usando o *tablet*, outras fazem teatrinhos de fantoches, há mães que levam ilustrações de partes da história e lembrancinhas. Uma professora da escola se caracteriza dos personagens, a bibliotecária usa um animal de pelúcia, a funcionária da escola retira de uma caixa as personagens, que são figuras de papel; a assistente de sala se caracteriza de personagens e por fim, a professora da sala conta a última história abordando as diferenças e a individualidade.

Este modo de introduzir as mães ou outros contadores, no contexto escolar, desenvolvendo temas variados na arte de contar histórias, é muito importante e para o aluno, pois ressalta o que foi dito anteriormente de que é também papel dos pais de gerar na criança o hábito da leitura em casa. Para a

criança essa relação é grandiosa e incentivadora.

Na terceira parte usa-se o livro “A Zeropéia”, do autor Herbert José de Sousa, objetivando o aprendizado com numerais, formas geométricas, medidas, semelhanças e diferenças, conhecimento e escrita espontânea dos animais do texto, produção de texto coletiva tendo a professora como escriba, a mensagem que o livro passa de não abandonar as próprias opiniões, entre outras.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Quando um adulto conta histórias para uma criança, ele está proporcionando as primeiras relações dela com a literatura infantil, pois o primeiro contato da criança com um texto acontece oralmente, seja em histórias reais ou inventadas, de clássicos ou contemporâneos, longos ou curtos, poemas etc.

Ao contar histórias, o contador permite às crianças sorrir, rir, gargalhar, suscitar o imaginário, a curiosidade, gerar respostas e perguntas a tantas questões, encontrar ideias para soluções, descobrir conflitos, impasses, entender problemas defrontados, enfrentados e resolvidos, entre outras.

Outro aspecto importante gerado são as emoções: de raiva, alegria, tristeza, irritação, bem-estar, medo, pavor, insegurança, tranquilidade, entre outras, que variam de narração para narração e de acordo com a criança que a ouve, dependendo muito de sua identificação com certos personagens (ou não).

Ao narrar, o contador faz com que a criança viaje por lugares nunca viajados e jamais conhecidos, pois, muitas vezes, somente a criança tem o conhecimento do que brota no seu imaginário.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo com uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... é tão linda!!! E ela que equilibra o ouvido como o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro...Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1994, p.18).

2.1 O contador de ontem e hoje

Sabe-se que a arte de contar histórias vem desde a antiguidade, em que os contadores eram chamados de “narradores orais” que, por sua vez, contavam e encantavam com seus “causos”, mitos, lendas e poemas, muitas vezes em forma de canções. Hoje, a profissão de contar histórias ganhou grande valor na esfera educacional, pois faz com que a criança viaje no mundo da imaginação e explore sua mente através do que lhe é narrado. Vários objetivos permeiam esse projeto e o maior deles é conhecer o trabalho do profissional especializado em contação de histórias na educação infantil, acompanhando seu dia a dia, seus recursos de trabalho e como ele é desenvolvido em sala de aula. Vale ressaltar, também, a importância em mostrar nesse projeto o valor de se utilizar a literatura infantil na sala de aula.

O contador de histórias é considerado o atuante que produz e reproduz o texto na forma oral. Segundo Bronckart (1999 *apud* MORAES, 2012), é ao mesmo tempo emissor, satisfazendo o ouvinte enquanto organismo que lança o texto; e enunciador, no caso o papel social que este admite no período da narração, sendo professor, pai, artista, palestrante, entre outros.

A arte produzida pelos contadores de histórias, atualmente, é vista como uma nova profissão que já rendeu uma nova demanda em muitas instituições escolares para que seja uma disciplina com horário na grade curricular. Porém, contar histórias é tão antigo, que nem sempre foi uma profissão, o que não significa que o contador seja uma figura importante, pois através das histórias, “causos”, lendas, mitos, ele

auxilia as pessoas a compreenderem melhor o que se passa ao seu redor, para que se confronte com os dilemas e obstáculos que enfrentam na sociedade, associando das experiências o aprendizado. O contador tem o dom de usar o tom de voz e as palavras exatas para encantar, levar os ouvintes aonde a imaginação permitir, e fazê-los acreditar naquilo que lhes é passado, acontecendo, na maioria das vezes, em volta de lareiras ou fogueiras, que colabora para uma atmosfera de magia.

Ainda mais antigo é o narrador oral, que na Antiguidade greco-romana transmitia suas histórias, poemas e lendas em forma de músicas. Tinha a responsabilidade de povoar lugares desconhecidos para educar e fortalecer a coragem, preparando as pessoas para encararem seus medos e tudo que aterrorizava suas mentes.

Há muitos e muitos anos, ainda quando a vida amanhecia no planeta, o Homem já narrava. Primeiro, falava de seu cotidiano: seus hábitos e seus revezes. Depois, em determinado momento, sentiu necessidade de dar conta de acontecimentos que escapavam a seu entendimento racional. Precisava encontrar explicações tanto para fenômenos da natureza quanto para o fato de ser quem era e estar onde estava. Assim concebeu então, um conto maravilhoso que, com seus elementos mágicos, explicava o que a razão desconhecia. (CHEOLA, 2006, p. 47).

A visão do contador de histórias de hoje é a soma disso tudo, pouco se perdeu e muito se acrescentou a essa arte que ganhou real reconhecimento.

No livro “Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes”, Cristiano Mota Mendes narra que uma história contada por seu pai há muito tempo nunca lhe foi esquecida, e acredita que uma pequena história com uma grande narrativa nunca é esquecida, e que assim se faz marcada e permanece em um indivíduo, contribuindo para sua formação ética/moral e humanista. E assim descreve: “o ofício de contar histórias é um brinquedo mágico, misterioso e infinito. O contador de histórias desenha um caminho que vai dar no coração de quem o escuta.” (MENDES, 2011, p. 204).

No capítulo “O ofício de viver contando histórias” (MENDES, 2011, p. 204), diz que tudo aquilo que é contado deve ser atualizado dentro da pessoa que escuta ou lê, ou seja, para que a história, ou o que quer que se conte, resista e persista, é necessário que seja contado de maneira que desperte no ouvinte algo que mude a si mesmo ou seus pensamentos. Dessa visão, parte-se do pressuposto que o contador de histórias deve ter o dom e aperfeiçoar cada vez mais, para que desperte nas crianças ou em qualquer leitor, a hipnose do que se ouve, transformando seu interior e fazendo-o refletir sobre aquilo, independente de quantas vezes e como lhe é contado.

A formadora de professores Denise Guilherme fala no site da revista Nova Escola sobre a grande diferença que há entre ler e contar histórias, o que é evidente, e aponta que uma prática não tem maior importância que a outra, sendo ambas muito úteis na formação do aluno. Ela aponta que ler histórias faz com que o professor leia conforme a leitura é apresentada no livro, se limitando as poucas formas de passar a história ao aluno. Porém, é muito importante a leitura para que se mostre ao aluno a linguagem escrita, valorizando a linguagem literária a partir do jeito que o autor escreve no texto. (GUILHERME, s.d.).

Contando histórias, o professor pode utilizar-se de várias maneiras, improvisando, lendo com a entonação e dicção que achar pertinente, usar materiais diversos para apresentação do que se lê, e o que é muito importante, incluir os alunos no meio da história, fazendo-os participar do enredo, porém, é claro, sem alteração na trama original.

É muito importante que a criança tenha acesso às histórias desde muito cedo, pois a faz ser curiosa, despertando sempre o interesse em ouvir, em saber mais, e estar ligado a tudo que se passa a sua volta. Com a contação de histórias não é diferente, uma vez que o professor conta, desperta em seu aluno o

gosto pela leitura de uma maneira diferente, mostrando a ele o quanto se pode viajar sem sair do lugar. Nessa fase o leitor iniciante deixa a imaginação tomar conta e isso deve ser explorado ao máximo.

2.2 Algumas desenvolturas que permeiam o trabalho do contador de histórias

O ato de contar histórias é basicamente um ato de criação, pois o contador de histórias tem em suas mãos diversas técnicas no momento em que narra seus contos. Uma vez que uma história é contada, nunca mais será reproduzida da mesma maneira, pois mesmo que o texto seja memorizado e narrado, executa-se apenas uma única vez um evento original. As reações e expressões sempre serão diferentes.

Zumthor (1993, p. 18), faz referência à existência de três tipos distintos que compõem a oralidade: a primária, em que o contador não possui nenhum contato com a escrita; a mista, a qual a oralidade, apesar de pouca influência no cotidiano, convive com a escrita; e a secundária em que a adequação da escrita permite a conservação do oral. O tradicional contador de histórias é, no caso, aquele que faz uso da oralidade primária.

Consequentemente, é muito importante o desempenho do contador de histórias, pois o uso da linguagem, a voz, os gestos, a musicalidade do corpo e da voz faz com que a plateia sinta a vivência da narrativa, permitindo que ela se infiltre no texto contado. Deve-se utilizar elementos como a pausa, o suspense, gestos, vozes e olhares, pois eles mostram e evidenciam a diferença que há entre contar e ler uma história.

Santos (2010 *apud* TIERNO, 2010, p. 117), afirma que “quando a voz do contador de histórias traz a oralidade para os públicos atuais faz com que as pessoas se desliguem do ritmo alucinado e frenético que tomou conta de nossa sociedade.”

É nítido perceber que, há alguns anos, a televisão não era tão acessível, e assim, as pessoas se sentavam à porta de suas casas para contar fatos de seu dia a dia, compartilhando histórias e “causos”. Com a chegada da tecnologia, esse hábito foi se perdendo, e as pessoas se distanciaram do imaginário e desses momentos compartilhados com outras pessoas. Felizmente, apesar de o grande poder que os meios de comunicação de massa têm, quando uma narração de histórias se inicia, utilizando vários elementos, até aqueles mais resistentes se veem enlaçados pelas tramas da história; e é nesse momento que o ouvinte relaxa e se desliga do que acontece no mundo lá fora, e passa a viver no ambiente em que a história está sendo narrada.

Diante do vasto acervo de histórias registradas – fábulas, contos, lendas, clássicos, contemporâneos etc. – o narrador deve criar critérios para a escolha da história que ele estudará para ser contada. São vários aspectos que permeiam esta escolha. Um deles é que o narrador tenha preferência com os contos que ele tem mais afinidade, pois isso fará com que se desenvolva com maior facilidade na sua atuação, isso se a ocasião não tiver algum tema específico.

Outra maneira de escolher o conto é saber adequá-lo à necessidade e realidade de seus ouvintes, fazendo uma pesquisa prévia sobre eles. Deve ser muito analisado, principalmente, se na hora da narração houver um contato de perguntas e respostas do narrador para com seu público, pois como afirma Moraes (2012, p. 49), “contar histórias não é um monólogo, mas um constante diálogo, pois mesmo que não se envolva os ouvintes, muitos diálogos interiores se dão durante a narração.”

Na escolha deve ser considerada também a faixa etária, pois essa reflete em várias outras escolhas, como a construção linguística, o modo de narrar, os recursos e materiais utilizados e o tempo de duração da narração que possa influenciar e agradar crianças, jovens ou adultos.

Bem trabalhadas em todos os seus aspectos essas narrativas podem exercer o seu

fascínio tanto na mente das crianças quanto dos adultos, concorrendo assim com os meios de comunicação mais modernos e sofisticados. (CHEOLA, 2006, p.88).

A imagem corporal do contador de histórias é algo primordial para seu exercício, pois o corpo faz parte da linguagem na hora de narrar uma história. A imagem corporal é reconhecida mediante as sensações que se têm, sendo elas compreendidas de várias maneiras, de acordo com o estímulo que o narrador as recebe em seu próprio corpo.

Por isso, é importante que o narrador conheça todo o seu corpo de maneira concreta, para que ele possa, em seu momento de contação da história, representar de forma adequada, e com isso refletir características dos personagens e elementos presentes no conto.

O grupo Gwaya – Contadores de histórias/UFG é um grupo registrado pela Universidade Federal de Goiânia desde setembro de 1993, formado por pessoas que possuem o hábito de leitura, e se preparam para um repertório de histórias a serem contadas. O nome foi escolhido depois de várias sugestões, e optaram por Gwaya, que é uma palavra indígena, que significa: “pessoas iguais, da mesma raça, companheiros, que lutam por um mesmo ideal, gente da terra, que acreditam nas mesmas coisas”. (CAVALLARI, 2010 *apud* TIERNO, 2010, p. 31).

Para o grupo Gwaya, a linguagem corporal é o mecanismo mais importante do contador, e, além disso, ao usar o corpo, a voz, deve-se abusar da modéstia, excluindo acessórios, figurinos e cenários.

Um recurso utilizado por esse grupo para a formação de contadores de histórias é que eles contam um caso já vivido, pois, ao narrar-se um fato ocorrido com ele, quer-se que as pessoas prestem atenção, sentido as mesmas sensações, e vivenciando o episódio contado.

“Imagem do corpo humano é a figuração do nosso corpo, formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual se apresenta para nós.” (SHILDER IN LOUREIRO, 1999 *apud* TIERNO, 2010, p. 143).

Considerando que contar histórias é uma criação do contador, ele recebe três atributos: *o tudo saber* ante a história, *o tudo poder* ante a história e *o em todo lugar* da história *poder estar*, sendo, respectivamente, os atributos divinos: onisciência, onipotência e onipresença.

O *tudo saber* ante a história demanda um estudo do conto escolhido, sabendo a história do início ao fim e a realidade e as dúvidas de seus personagens, independente do final da história. É necessário uma busca sobre a compreensão dos elementos simbólicos existentes, relacionando-os com o contexto em relação ao local e à época em que a história se passa; o narrador deve realizar levantamentos das características históricas, sociais, biológicas, culturais e mitológicas pertinentes ao ambiente e aos personagens do conto.

Entretanto, é necessário que o contador tenha um cuidado em não passar todo esse conhecimento aos seus ouvintes, já que a história se expressa por si só. Além de que a transformaria equivocadamente em uma aula.

O *tudo poder* ante a história apresenta o poder absoluto que o contador tem diante de uma história tradicional. Podendo ele: criar, recriar, modificar, resumir, enriquecer, e até mesmo encerrar a história. Para tal, ele deve possuir a percepção para receber os sinais dos ouvintes sobre a interação desses para com ele e a história narrada. E com isso, ter domínio sobre o enredo e desenvoltura para resumir, enriquecer ou modificar o conto. É ideal que no momento da narração, o emissor e o receptor estejam em total sintonia.

Conciliando o *tudo poder* e o *tudo saber* com o *em todo lugar* da história *poder estar*, pode-se passear pelos ambientes narrados, vendo-os de fora ou de uma vista aérea; que vai aos poucos infiltrando dentro daquele ambiente; sendo esses artifícios para as ocasiões em que o narrador se sente bloqueado, sentindo medo, excesso de expectativas, insegurança e timidez.

Esse recurso permite ao contador que, ao falar na voz do personagem, vista suas características, seu estado emocional, físico e mental, sua voz e o andar; até que esse assuma com teatralidade o personagem. Assim, o narrador, tem a sabedoria de interpretar e vestir ora um personagem, ora outro, sendo tudo isso em tomada de segundos, imaginando-se em vários ambientes em um só conto.

Para que esses três atributos sejam bem vivenciados durante a narração, o contador deve memorizar bem a história que será contada e não decorar. Há várias técnicas para isso, e cada um escolhe a que mais se adequa ao seu perfil e que ele tenha maior facilidade para desenvolvê-la.

Uma das maneiras mais fáceis de memorizar é contando cada vez mais a história, pois além de guardar o texto, treinam-se bastante os gestos, o tom de voz, as pausas, e o espaço do corpo entre uma cena e outra e entre um personagem e outro. Com isso, o narrador acaba por perceber o que utilizar e retirar do seu “espetáculo”.

Entretanto, o narrador deve ter cuidado para não confundir memorizar com decorar, já que uma vez que uma história é narrada, ela nunca será contada da mesma forma, pois se muda os elementos de um mesmo texto de acordo com seu público. E isso não faz com que o conteúdo do mesmo se altere. Como afirma Sisto (2005 *apud* MORAES, 2012, p.22), “O contador de histórias não pode ser nunca um repetidor mecânico do texto que ele escolhe contar.”

Aliada à memorização (o *tudo saber* sobre a história) está a criatividade, que faz o *tudo poder* ante a história. Esses dois recursos devem andar juntos no processo de narrar histórias, pois correspondem à lembrança da história e à reinvenção da mesma, já que para memorizar é preciso criar técnicas para isso.

Ao tempo em que se conta uma história, busca-se na mente aquilo que foi memorizado, e assim, cria-se expressões linguísticas e gestuais para traduzir aquilo que se lembra.

O processo de criação de contar história está ligado à memória consciente e à criatividade, sendo esta vinculada, muitas vezes, ao inconsciente, que pode mostrar o quanto os instrumentos de autocensura podem impedir de se falar àquilo que a criatividade sussurra.

É importante atentar para a relação que há entre a palavra memória e atenção. É impossível que, se decore algo sem que se preste atenção, pois para que o contador consiga lembrar-se dos fatos da história é necessário que ele tenha dado atenção ao ponto de guardá-lo.

Para a técnica de memorização no ato de contar histórias, subdivide-se a mesma em quatro modalidades: a memória visual, a auditiva, a sensório-motora e a lógica. (MORAES, 2012, p. 62).

A memória visual contribui para “memorizar com os olhos”, e para o contador é recomendado que ele estude suas histórias com livros que possuam ilustrações, e conseqüentemente, ficará mais fácil na hora de memorizar. Caso o livro não possua ilustração, o contador pode construir na imaginação a seqüência fantasiosa como um filme, e quando buscar na memória a história, ele se lembrará daquela seqüência que criou.

Outro tipo é a memória auditiva, que predomina em pessoas que dão maior atenção àquilo que escuta, como letras de músicas, ruídos, sons de instrumentos, vozes, entre outros. Para memorizar a história utilizando esse recurso, o contador pode fazer a leitura do texto em voz alta, de tal modo que, escuta sua própria voz e memoriza; ou gravando a história e escutando-a sucessivamente para a memorização.

A memória sensório-motora é caracterizada por pessoas que sentem necessidade de pegar, sentir, de fazer para aprender; se lembrando de episódios da vida ao se deitarem de certa forma, ao andarem com certos gestos ou ao efetuarem certos movimentos. Para os contadores que têm essa facilidade, podem trabalhar a história através da escrita, da verbalização, de movimentos corporais e gestuais, e do próprio modo de agir ao narrar. Como já foi dito anteriormente, a melhor forma de memorizar uma história é

contando-a.

Para Moraes (2012, p. 65), “uma história começa a ficar boa depois de ter sido contada pelo menos dez vezes, mas ela só fica pronta mesmo, depois de ter sido contada mais de cem vezes.”

Por fim, a memória lógica, constante em pessoas que memorizam o que precisam por meio da criação de métodos mnemônicos, guardando com maior facilidade números telefônicos, sequências através da composição de analogias e pela observação de similaridades entre palavras ou de determinados atributos dos objetos. Para memorizar uma história com esse artifício, pode-se usar as palavras-chave da história, com números ou semelhanças que ajudem a lembrar do seguimento e dos elementos do roteiro.

Quaisquer desses artifícios podem ser utilizados para a boa memorização de uma história, só depende do contador escolher aquela que se faz mais pertinente. É importante lembrar que, o narrador deve contar a história com suas próprias palavras - para que não fique algo decorado - sem deixar de lado elementos e trechos relevantes; e também, sentir-se confiante diante de sua memorização, para que ele possa dar voz àquilo que a criatividade permitir.

Grande (2010 *apud* TIERNO, 2010, p. 129), uma atriz que teve a oportunidade de ser contadora de histórias num projeto de uma editora em 1995, que todos os dias reunia crianças para ouvirem histórias e deu ao seu grupo o nome de “As Meninas do Conto”, se dedicou à narração como expressão artística. Porém, naquela época, não havia nenhuma referência de contadores, nem contação e nem histórias antes, mesmo quando criança, e ela se perguntava: “Mas o que é contar histórias? Por que contar? Será que é ‘uma minipeça’? Como criar verdade para o que digo? É possível criar imagens com as palavras, ou tenho que ilustrá-las com objetos e adereços? Como contar uma história?” (GRANDE, 2010 *apud* TIERNO, 2010, p. 131).

E para respostas a essas perguntas ela se aprofundou em uma vasta pesquisa de campo, caindo no mundo das histórias, descobrindo este trabalho na prática, experimentando a narração diariamente, pois este era um novo momento, cheio de descobertas. Com o tempo, Grande (2010 *apud* TIERNO, 2010) descobriu o enorme prazer que tinha em contar histórias, e a cada vez que fazia seu espetáculo saía renovada com as diversas reações que o público transmitia, feliz com a sensação de troca, de cumplicidade que sentia entre si e seus ouvintes, algo mágico, que como atriz, nunca havia sentido nos palcos.

Hoje, Grande (2010 *apud* TIERNO, 2010.), vê a enorme experiência que adquiriu em todos esses anos, que além de contar histórias, treina contadores para a narração e cria espetáculos a partir de contos tradicionais; e percebe o quanto esse trabalho a modificou e a fez crescer como artista, pois ela adquiriu a importante lição que considera como contadora de histórias: ser verdadeira ao narrar.

O contador de histórias é um artista que se situa no cruzamento de outras artes: sozinho em cena (quase sempre), narra sua ou outra história, dirigindo-se diretamente ao público, evocando acontecimentos através da fala e do gesto, interpretando uma ou várias personagens, mas voltando sempre ao seu relato. (PAVIS, 2003, p. 220)

Hoje, é preciso que o professor concilie a sua função à de contador de histórias, para que desenvolva o interesse do aluno pela leitura de obras da literatura infantil.

Assim, a pesquisadora propõe observar algumas atividades desenvolvidas pela professora regente da sala e verificar a sua aplicação e desenvolvimento.

3 PROCEDIMENTOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme a revisão teórica realizada na primeira e segunda partes, fica claro a importância do

trabalho com a literatura infantil na sala de aula, para o desenvolvimento cognitivo e criativo do aluno. Para isso será observado nos procedimentos e nos resultados, tanto o papel da leitura como o da contação de histórias, dado o valor ímpar de cada um.

3.1 PROCEDIMENTOS

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral do texto literário. (PARÂMETROS Curriculares Nacionais, 1997, p. 36/37).

A pesquisa foi realizada na sala de aula, do 1º estágio, no ano de 2014, tendo duração entre as datas 21 de março e 24 de junho, na qual a pesquisadora permaneceu na sala e observou o funcionamento do projeto de literatura, a intervenção da professora e a desenvoltura dos alunos diante das atividades.

Para o desenvolvimento deste projeto foi imprescindível a ajuda dos responsáveis pelos alunos, pelo fato de eles terem apenas quatro anos de idade e não saberem ler. Antes de dar início ao projeto, a professora regente marcou uma reunião com os responsáveis para explicar como seria tendo o consentimento de todos, e assim, explanar que a pasta iria com o caderno de literatura uma vez por semana, geralmente acompanhada de livros ou textos para leitura e atividades relacionadas.

3.1.1 O Desenvolvimento do projeto de leitura literária na sala de aula

Antes de cada atividade ser mandada para casa na pasta de leitura, a professora fez a leitura da atividade e explicou o que fazer, tirando as dúvidas das crianças.

Na primeira atividade do caderno, continha um pequeno texto “Para os pais refletirem” com uma foto da criança e sua primeira ficha na biblioteca. Em seguida, foi pedido que um dos responsáveis escrevesse sua opinião sobre o projeto de incentivo à leitura e compartilhassem com seus filhos.

A ida à biblioteca para a escolha de livros verificou-se um grande interesse deles pela literatura, pois alguns têm vontade de levar mais de um livro para casa, enquanto outros pediam para ler as histórias ali mesmo, e ao mesmo tempo em que foram feitos os registros deles pela bibliotecária, alguns já folheavam os livros e tentavam ler a história pelas gravuras, perguntando sempre que tinham algumas dúvidas nas ilustrações.

E ainda sob esse aspecto, Abramovich (1994, p.163) afirma

Há tantos jeitos de a criança ler, de conviver com a literatura de modo próximo, sem achar que é algo do outro mundo, remoto, enfadonho, chato... É uma questão de aproximá-la dos livros de modo aberto – seja na livraria ou na biblioteca... Se a criança é a única culpadas nos tribunais adultos por não ler, pede-se o veredicto inocente... Mais culpados são os adultos que não lhe proporcionam esse contato, que não lhe abrem essas – e outras tantas – trilhas para toda a maravilha que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras...

Além do trabalho com livros de livre escolha pelos alunos, a professora regente utilizou-se de poesias, que para Carvalho (19[–], p.128) “é o encontro e a harmonização do eu existencial com o eu

Além do trabalho com livros de livre escolha pelos alunos, a professora regente utilizou-se de poesias, que para Carvalho (19[–], p.128) “é o encontro e a harmonização do eu existencial com o eu poético, realizando a revelação do ser, da essência”. Assim, para essa autora, ocultar a poesia da vida

literária da criança é querer afastá-la de uma das formas mais vivas e comoventes da linguagem.

Desse modo são desenvolvidas atividades de leitura, contação de histórias e poesias.

No momento da leitura, as crianças permaneceram quietas e atentas à fala da professora da sala, com expressões curiosas, esperando a contação. Após a leitura, as crianças são sempre curiosas e adoram contar histórias deles mesmos.

Aproveitando a situação da discussão que as crianças fazem, a professora propôs uma reflexão aos alunos, indagando como eles pensavam que seria a vida dos personagens da história. A partir daí gerou uma discussão em que cada criança foi se expressando, dando opiniões relevantes.

Assim, a professora foi percebendo que ao trabalhar a contação da história, a leitura e a declamação da poesia os alunos se mostravam mais familiarizados com o tema e mais alegres, o que veio favorecer o trabalho apresentado por eles no final.

A segunda atividade desenvolvida foi elaborada e declamada pela professora da sala com muito entusiasmo, usando vários tons de voz e feições diferentes para expressar o tema, mudando sua aparência de acordo com o significado da palavra.

Essa técnica utilizada pela professora fez com que as crianças ficassem mais concentradas e entendessem aquilo que estava sendo falado através da expressão transmitida.

Outra atividade desenvolvida foi uma poesia lida pela professora, depois repetida pelos alunos, depois declamada pela professora e ainda, na sala de aula, cantada pelas crianças acompanhadas pela música. Durante a música as crianças tentam cantar juntas e também a dançar, criando coreografias.

A desenvolvura das crianças ao cantarem uma poesia musicalizada e interpretá-la a seu modo foi bastante harmoniosa, pois a pesquisadora pôde sentir o envolvimento delas de uma forma bem livre e prazerosa.

Esta atividade pedia a criatividade na interpretação do texto verbal e visual.

Os alunos tiveram um envolvimento muito prazeroso com essa atividade, pois enquanto trabalhavam com os papéis coloridos, criando figuras que representavam a poesia e declamavam.

Pode-se notar, neste caso, a relevância do ritmo na poesia, pois a professora leu, declamou e apresentou a música. Ao misturá-la com a musicalidade, que Abramovich (1994, p. 76), considera como uma marca primordial neste gênero textual, possibilitando assistência musical àquilo que é lido e ouvido.

Desse modo, a pesquisadora pôde confirmar o conceito que Abramovich (1994), faz em relação ao ritmo nas poesias, pois de forma cantada, as crianças gesticulam as palavras do poema, criando até coreografias, e, conseqüentemente, registram-na com mais facilidade.

Abramovich (1994, p. 72/73), mostra a importância das rimas nas poesias, mas que devem ser usadas com cuidado, muito bem escolhidas e trabalhadas, com um critério estabelecido, gerando acréscimo ao leitor e possuindo um significado implícito na poesia.

A última poesia trabalhada pela professora teve o objetivo de contextualizar o texto com uma situação real vivenciada pelas crianças: o plantio, a germinação, o crescimento e a floração do girassol, a professora trabalha muitos detalhes dessa flor, conta várias histórias e faz algumas leituras de textos literários em que aparecem sempre flores. Para efetivar o tema utiliza-se de uma poesia declamada por ela e lida pelos alunos, para compor o conteúdo no caderno de literatura.

Vários resultados chamaram a atenção da pesquisadora, pois juntavam ao mesmo tempo a linguagem visual e verbal, mostrando o lado criativo. Os alunos mostravam o desenho e declamavam partes da poesia ou até inventavam.

A professora regente também trabalhou duas atividades com o intuito de despertar a imaginação das crianças, em que elas, junto de seus pais, deveriam pensar em uma história, contá-la e representá-la

depois em forma de desenho.

O entusiasmo da professora ao ler alguns fragmentos e contar outros usando a sua entonação diferenciada, fez com que todos alunos prestassem atenção, (ABRAMOVICH (1994); COELHO (1991) e outros), que atribuem a importância da literatura no desenvolvimento cognitivo e criativo das crianças.

Seguindo, apresentou a atividade em que se pede para imaginar que dentro de uma caixa ilustrada na há um livro super misterioso e interessante. A atividade desenvolvida junto com os pais é muito pertinente para que a imaginação seja despertada e fuja da leitura pronta. Assim, os pais podem contar histórias mais livremente para seus filhos e fazer com que eles participem da construção da mesma.

Abramovich (1994, p. 143), acredita que a criança ao ouvir uma história desenvolve um potencial crítico, e é importante ressaltá-lo, pois é necessário saber se a criança gostou ou não do que lhe foi contada e se ela concorda com aquilo.

A importância que há em fazer a roda de discussão depois da leitura de um livro ou da contação de uma história, dá-se pelo simples fato da troca de opiniões entre os colegas, pela constatação de um ter adorado e outro detestado por inúmeras razões, de enxergar aspectos pontuados por um colega que não se havia notado, e às vezes, mudar de opinião em relação a uma parte ou personagem por um motivo não visto. Porém, o mais importante era que estas crianças aprendessem a respeitar as diferentes leituras, opiniões e pontos de vista. (Abramovich, 1994, p.147/148)

Após a contação da história, discussão e interpretação, foi dado aos alunos o livro da história para que eles lessem e pudessem sentir o valor e o significado das palavras. Em outra atividade, a professora deu às crianças a ilustração, apenas em contorno preto, em que eles deveriam pintar com tinta guache. O intuito era ressaltar as cores e os detalhes como forma das crianças interpretarem.

Como última atividade, a professora trouxe para a sala uma obra de arte, falou da sua importância no mundo das artes, leu alguns trechos sobre a vida do pintor e propôs uma releitura da obra, por meio da ilustração. Nesse momento a professora buscou na interpretação e na criatividade de cada um reconhecer que, uma situação vivenciada, uma história contada, leitura interessante e personagens que tiveram um valor significativo, servem para compor o mundo de sonhos e imaginação infantil, revelando leitores capazes de compreender o significado textual.

As crianças, ao longo da pesquisa, mostraram-se bastante motivadas tanto em casa, quanto na escola pela professora. Não há grandes problemas na realização das atividades e o envolvimento dos pais nas tarefas é excelente, além das expectativas esperadas pela pesquisadora. Porém, percebeu-se que apenas uma criança não recebia a motivação esperada dos pais, pois suas tarefas ou estavam incompletas ou muito mal feitas.

Ao conversar com a professora da classe, ela confirmou o que se acreditava, e também que o descaso com as tarefas não se dava apenas com o caderno de literatura, mas também com o de tarefas de casa. Infelizmente, em sala de aula, a criança mostra-se muito inteligente e com grande potencial. No entanto, ela não era lapidada em casa, faltava a cobrança de seus pais para melhorar em seus pontos negativos. Algo que a professora procurou trabalhar em sala de aula.

Foi notório o interesse que as crianças mostraram ao se relacionarem com a leitura e contação de histórias, pois ao ouvirem o que lhes é contado elas ficam quietas, prestam atenção e se mostram curiosas com o conteúdo, questionando sempre aquilo que tem dúvidas.

A pesquisadora percebeu a grande alegria que as crianças sentem ao visitar a biblioteca, prazerosas por estarem lá. Nota-se que foi uma das atividades realizadas que mais gerou impacto e incentivo às crianças, acreditando-se que pelo fato de saírem do ambiente da sala de aula e terem acesso ao amplo número de livros, que gerou até indecisão no momento da escolha. Considera-se que essa

é uma grande arma de motivação para introduzir a criança na magia da literatura infantil.

3.2 Discussão dos resultados

Após a professora regente ter trabalhado com a leitura e contação de histórias, a pesquisadora, para discussão dos resultados, fez uma seleção dos trabalhos realizados pelas crianças ao longo da sua observação.

Em cada atividade proposta, o objetivo foi verificar a compreensão e interpretação dos alunos.

No momento da Contação de histórias e ou leitura de texto, a professora usou a sua criatividade e imaginação para transformar esse momento em algo divertido e interessante, chamando a atenção dos alunos para o conteúdo que se quis trabalhar.

As atividades em que se pede a criação de outra poesia, a participação dos pais em instigar e auxiliar o lado criativo e pensante de seu filho é muito importante, pois é um exercício que deve ser estimulado para que se torne um hábito. Além de que a presença do adulto é fundamental para contribuir com esse aprendizado.

De acordo com as análises e observações feitas pela pesquisadora desde as idas à biblioteca até às atividades realizadas em sala, percebeu-se a interação entre professor e aluno, pais e filhos é de suma importância para a aprendizagem e construção do desenvolvimento afetivo, criativo e cognitivo da criança.

A instigação do imaginário na criança é muito relevante para ela se tornar uma criança curiosa, crítica e observadora, que é o que se precisa muito na sociedade em que se vive atualmente.

Assim, ficou claro a importância da leitura ou da contação de histórias, leitura ou declamação de poesias, como uma maneira de facilitar a interpretação dos alunos e despertar o prazer pelos textos da literatura infantil; o que contribui para o desenvolvimento cognitivo e criativo dessas crianças.

As atividades propostas pelo docente auxiliaram muito para o processo de formação dessas crianças, tornando-se um aprendizado significativo de forma que, ao trabalhar o lado imaginário, elas se mostram interessadas em aprender mais, estimulando sua capacidade de observação e reflexão proporcionada pela interação entre leitura literária e contexto aplicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que nesse estudo busca-se fomentar nas crianças o prazer e a curiosidade pela leitura, por meio da contação de histórias e do uso da literatura infantil na sala de aula, vê-se que a capacitação do profissional nessas áreas de atuação é importantíssima, pois o professor é o responsável por apresentar e permitir ao aluno esse contato de forma lúdica, despertar o imaginário e propor atividades que desenvolvam seu cognitivo.

Desse modo, o estudo procura mostrar a importância do trabalho com a literatura infantil como fonte de desenvolvimento do imaginário das crianças em cada atividade proposta pela professora, inspirando-as a tomarem gosto pela literatura mesmo que não saibam ler.

Proporcionar às crianças diferentes atividades de leitura permite que elas tenham acesso às várias modalidades textuais e saibam distingui-las e interagi-las com outras situações vivenciadas por elas.

Expô-las a vários gêneros textuais faz com que elas ampliem o seu horizonte de leitura e se identifiquem com aquele que mais lhe chama atenção. Isso contribui para despertá-las no universo mágico da leitura.

Diante das várias possibilidades que o trabalho com a literatura em sala de aula conduz o professor, nas suas várias estratégias, e o aluno nas suas muitas leituras.

Baseando-se nas leituras, releituras e observações feitas, a pesquisa mostrou a importância do trabalho dos contadores de histórias e seu funcionamento, e o porquê de trabalhar a literatura infantil como incentivo à leitura das crianças na educação infantil.

No final, a pesquisa revelou a literatura infantil como uma grande arma prazerosa, que o professor deve abusar em sala de aula, pois a história estimula a imaginação das crianças, fazendo-as pensar, criticar, indagar; o que faz delas leitoras críticas, no presente e no futuro.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994. 174 p.

BRASIL. A Especificidade do Texto Literário. In: BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 36-37.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3, p.163.

CARVALHO, B. V. de. **Literatura Infantil**: estudos. São Paulo: Lotus, [19--]. 382 p.

CHEOLA, M. L. V. B. Quem conta um conto. In: CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. (Org.) **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria - análise - didática. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991. 247 p.

CONTADOR DE HISTÓRIA. **A fábula das três irmãs**. 13 set. 2013. Disponível em: <<http://contadorhistoriass.blogspot.com.br/2013/09/a-fabula-das-tres-irmas.html>>. Acesso em: 9 nov. 2014.

GUILHERME, D. Qual é a diferença entre ler e contar histórias? **Nova Escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/qual-diferenca-ler-contar-historias-642352.shtml>>. Acesso em: 29 mar. 2014.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

MARANGON, C. Preservar também é coisa de criança. **Nova escola**. 2002. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/preservar-tambem-coisa-crianca-422841.shtml>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

MENDES, C. M. O ofício de viver contando histórias. In: PRIETO, B. **Contadores de Histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011. p. 202-206.

MORAES, F. **Contar Histórias**: A arte de brincar com as palavras. Petrópolis: Vozes, 2012. 124 p.

PAVIS, P. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SOUSA, M. de. **Leitura**: uma janela que se abre para o mundo. 2010. Disponível em: <http://www.blogeducacao.org.br/2010/06/leitura-uma-janela-que-se-abre-para-o-mundo/> . Acesso em: 20 set. 2014),

TIERNO, G. (Org.). **A arte de contar histórias**: abordagens poética, literária e performática. São Paulo: ícone, 2010. 135 p.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Cia das letras, 1993.

